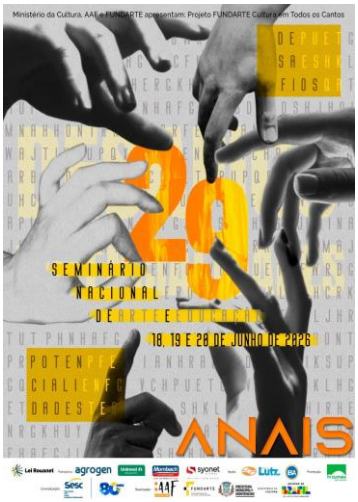

ENTRE O CORPO E O TERRITÓRIO: O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS

PESQUISA EM ANDAMENTO

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade

Ingrid Araujo da Silva Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

Gilberto Icle
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

Eixo temático: Violência

Resumo

Esta pesquisa de doutorado encontra-se em fase inicial de elaboração e tem como propósito investigar o ensino de Dança na Educação Básica em escolas públicas situadas na Restinga, em Porto Alegre, e no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Parte-se da compreensão de que a violência estrutural e a pobreza não produzem apenas privações materiais: elas também restringem o acesso à produção simbólica e deslegitimam saberes, memórias e formas de existência de sujeitos periféricos. O estudo buscará compreender como docentes e estudantes constroem práticas de Dança capazes de deslocar o corpo periférico do lugar da carência para o da criação. A pesquisa dialogará com os Estudos da Presença, com a ética da ausência e com reflexões sobre corpo, território e coreopolítica. Prevê-se uma abordagem qualitativa e performativa, inspirada nos estudos do cotidiano. O percurso metodológico deverá incluir observações participantes, rodas de conversa com estudantes e encontros tramados com docentes, concebidos como espaços de escuta e produção compartilhada de conhecimento. Pretende-se analisar como a Dança pode abrir frestas no currículo, acolher corporeidades situadas e constituir práticas de (re)existência diante de processos de silenciamento. Compreende-se o gesto dançado como produção de pensamento, presença e possibilidade de invenção de si no espaço escolar.

Palavras-chave: ensino de Dança; performance; periferia; subjetivação; coreopolítica.

FERREIRA, Ingrid Araujo da Silva; ICLE, Gilberto. ENTRE O CORPO E O TERRITÓRIO: O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE- ISSN 2359-6120. Montenegro, e1972, Ano 2026.

1 INTRODUÇÃO

A educação pública brasileira é atravessada por desigualdades que incidem sobre o acesso, a permanência e as experiências escolares de crianças e jovens. Em territórios periféricos, essas desigualdades não se limitam à ausência de recursos materiais. Elas também operam no campo simbólico, quando determinadas memórias, práticas culturais e formas de produção de conhecimento são desautorizadas ou silenciadas. Carneiro (2005) utiliza o conceito de epistemicídio para analisar processos que negam a sujeitos historicamente subalternizados a condição de produtores de saber. Essa reflexão permite observar a escola não apenas como lugar de reprodução de desigualdades, mas também como espaço possível de enfrentamento e criação.

No campo da Arte, a Dança ainda é frequentemente reduzida a atividade recreativa, apresentação comemorativa ou recurso auxiliar de outras disciplinas. A Base Nacional Comum Curricular reconhece a Dança como uma das linguagens do componente Arte e associa seu ensino a processos de experimentação, criação, fruição e reflexão (BRASIL, 2018). Entretanto, a garantia normativa não resolve, por si só, os modos como essa linguagem chega ao cotidiano escolar, sobretudo em contextos marcados pela precarização das condições de vida e de ensino.

A pesquisa dá continuidade a questões que emergiram durante a investigação de mestrado sobre o ensino de Dança na Educação Básica, mas desloca o foco das interpretações curriculares para as relações entre corpo, território e violência estrutural. O estudo será desenvolvido em escolas públicas localizadas na Restinga, em Porto Alegre, e no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. O objetivo é compreender como docentes e estudantes constroem práticas de Dança no chão da escola e como tais práticas podem produzir modos de presença, pertencimento e (re)existência.

2 CORPO, TERRITÓRIO E (RE)EXISTÊNCIA

A investigação compreende a Dança como um saber encarnado e situado. O corpo não é tomado como suporte neutro para a reprodução de passos, mas como lugar de

memória, elaboração e disputa. Ao refletir sobre a ética da ausência, Icle (2023) discute como a pobreza pode desqualificar existências e limitar o acesso à produção simbólica. Essa perspectiva contribui para pensar o ato pedagógico como criação de condições para que estudantes se façam presentes não apenas fisicamente, mas também como sujeitos capazes de narrar, criar e produzir sentidos.

A noção de território também é central. D'Andrea (2022) analisa a passagem do estigma ao emblema na constituição de sujeitos periféricos, mostrando que a periferia não pode ser definida exclusivamente pela falta. Quando sujeitos reconhecem e enunciam sua condição periférica, o território passa a ser compreendido como espaço de elaboração política e cultural. No ensino de Dança, esse deslocamento permite perguntar de que forma repertórios, gestos e memórias locais podem ocupar a escola sem serem tratados como expressões menores ou exteriores ao conhecimento legítimo.

A reflexão aproxima-se ainda da ideia de coreopolítica formulada por Lepecki (2011). Ao pensar a coreografia como prática política e como enquadramento para observar mobilidades e formas de ocupação do espaço, o autor possibilita interrogar quais movimentos são permitidos, interrompidos ou tornados invisíveis. Na escola, a Dança pode tensionar formas rígidas de organização dos corpos, abrindo espaço para outras grafias do movimento. Essa possibilidade não significa idealizar a prática artística, mas investigar suas condições concretas e seus limites.

Silva (2018) contribui para a compreensão da Dança como campo de inteligibilidade capaz de confrontar a colonialidade do saber. Nessa direção, a pesquisa busca observar como corporeidades situadas podem produzir conhecimento a partir de suas próprias referências, sem que a experiência escolar se limite à imposição de modelos universais. A Dança é tratada, portanto, como forma de pensamento e como prática de subjetivação: um modo de experimentar o corpo, relacionar-se com o território e inventar possibilidades de existência.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa assume uma abordagem qualitativa e performativa, inspirada nos estudos do cotidiano e na pesquisa com os sujeitos. Em vez de tratar docentes e estudantes apenas como fontes de informação, propõe-se reconhecê-los como participantes da produção do

conhecimento. O campo será constituído em escolas públicas situadas nos dois territórios investigados, respeitando as etapas de autorização institucional e os procedimentos éticos aplicáveis à pesquisa em Educação.

O percurso metodológico prevê três movimentos articulados. O primeiro consiste em observações participantes, com atenção aos espaços, aos modos de circulação dos corpos e às situações em que a Dança aparece, desaparece ou precisa negociar sua presença. O segundo envolve rodas de conversa com estudantes, entendidas como espaços de escuta sobre corpo, território, repertórios culturais e experiências escolares. O terceiro será composto por encontros tramados com docentes: momentos de diálogo menos rígidos do que a entrevista convencional, voltados à compreensão das práticas inventivas e das artes de fazer que se constroem nas brechas do cotidiano (CERTEAU, 1994).

A análise buscará identificar regularidades, tensões e deslocamentos nos discursos e nas práticas observadas. Interessa compreender como são produzidos sentidos sobre corpo, periferia, violência e educação, mas também como estudantes e docentes interrompem classificações previamente estabelecidas. A teia narrativa será utilizada como eixo de organização do material, articulando falas, cenas do cotidiano escolar e registros de campo sem apagar as singularidades dos territórios.

4 CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, não se apresentam resultados conclusivos. O trabalho parte da hipótese de que a Dança pode atuar como uma prática de (re)existência quando cria condições para que sujeitos periféricos elaborem suas experiências, reconheçam seus repertórios e ocupem simbolicamente a escola. Esse movimento exige atenção para que a presença da Dança no currículo não seja reduzida a uma nova forma de disciplinarização do corpo ou a ações episódicas desvinculadas do processo pedagógico.

O estudo pretende contribuir para o debate sobre Arte e Educação ao investigar como o ensino de Dança se constitui em territórios atravessados por desigualdades e violências estruturais. Mais do que identificar ausências, interessa acompanhar as estratégias construídas por docentes e estudantes para produzir presença, conhecimento e criação.

Nesse horizonte, dançar na escola pode significar disputar o direito de existir simbolicamente, transformar estigmas em emblemas e produzir outras formas de narrar o corpo e o território.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 10 jun. 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001465832. Acesso em: 10 jun. 2026.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
D'ANDREA, Tiaraju Pablo. A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: Dandara, 2022. Disponível em: https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2023/02/DANDARA_SujeitoPeriferico_Digital.pdf. Acesso em: 10 jun. 2026.

ICLE, Gilberto. Uma ética da ausência: um estudo sobre a categoria pobreza nas pesquisas em Artes Cênicas brasileiras. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 47, p. 1-22, 2023. DOI: https://doi.org/10.5965/1414573102472023e0203. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23745. Acesso em: 10 jun. 2026.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1-2, p. 41-60, 2011. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41. Acesso em: 10 jun. 2026.

SILVA, Luciane da. Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny. 2018. Tese (Doutorado em Artes da Cena) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

Dados dos autores

Nome da autora: Ingrid Araujo da Silva Ferreira
Minibiografia: Doutoranda em Educação pelo PPGEDU/UFRGS, na linha Arte, Linguagem e Currículo. Mestra em Educação e licenciada em Dança pela UFRGS. Professora de Arte, pesquisadora e artista da Dança. Desenvolve pesquisas que articulam Dança, performance, educação, currículo, pobreza e desigualdades sociais.
Lattes: https://lattes.cnpq.br/6852004833177677
E-mail: guiingrid.araujo@gmail.com

Nome do autor: Gilberto Icle
Minibiografia: Professor titular da Faculdade de Educação da UFRGS. Doutor e mestre em Educação e graduado em Artes Cênicas pela UFRGS. Coordena o Grupo de Estudos em

Educação, Teatro e Performance (GETEPE), desenvolve pesquisas sobre performance, presença, educação e pedagogias das artes cênicas e bolsista de Produtividade do CNPq.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2227456713763579
E-mail: gilbertoicle@gmail.com